

● Mau ★ Mediocre ★★★ Razoável ★★★★ Bom
★★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Crítica de Música

Amélia Muge de volta à fábrica das canções

Amélia Muge + Ana Moura e Gaiteiros de Lisboa

★★★★★

Lisboa, Grande Auditório do CCB Domingo, 7 de Dezembro, às 21h Sala quase cheia

Foi uma aposta ganha, a de Amélia Muge, ao aceitar voltar à fábrica das suas canções (a ideia não foi dela, como repetiu em palco, mas de António Cunha, da Uguru) e procurar nelas novas sonoridades e sentidos. Dois anos depois da luminosa estreia em palco de *Não Sou Daqui* (na Culturgest), Amélia fez do CCB palco de uma aventura onde foi artífice até dos cenários, pássaros que pareciam peixes a pairar num aquário invisível, pendentos por cima do palco e duas enormes figuras, todos eles feitos num material prateado e reflector (pena que as luzes não tenham tirado deles melhor proveito).

Mas foi na música que brilhou aquilo que em Amélia é essencial: a versatilidade criativa. António José Martins (percussões e electrónica) e Filipe Raposo (teclados) dividiram entre si os novos arranjos e as canções, refeitas, exibiram essa marca. De forma quase sempre surpreendente e tirando proveito do papel, também essencial, dos restantes músicos em palco: Catarina Anacleto (violoncelo), José Manuel David (flauta, trompa, percussões) e Johannes Krieger (flugelhorn e trompete). Isto além dos Gaiteiros de Lisboa, que vieram como convidados e “emprestaram” Pedro Calado às percussões.

Entradada, no arranque, foi um tributo à memória: além de ter por base a tradição popular, Amélia cantou-a na abertura do primeiro concerto de *Múgica*, o seu disco de estreia. Depois vieram, todas elas agradavelmente transfiguradas, *A Monte I*, *Ai Flores*, *Ser Pessoa* (dedicada a duas crianças, uma ainda bebé, o pequeno Fausto, que estava ao colo da mãe na plateia), *A avó Tina* e *Quem, à janela*, pretexto para Amélia agradecer a Camané a forma como dela também se apropriou, cantando-a.

Eu hei-de ir e Terreiro dos Passos,

ambas de *Todos os Dias*, deixaram no ar ritmos fortes de tambores e metais a deslizar para um lirismo pontuado de efeitos electrónicos, antes de Ana Moura (a primeira convidada da noite) entrar no palco e cantar com Amélia *Quem vier que venha (saudação)*, num emotivo dueto. Como prometido, ficou depois Ana Moura sozinha, entregou ao ameliiano *Fado da procura* (um êxito na sua voz), ali com um arranjo não-fadista, regido a piano e violoncelo. Como era de fado que já se falava, vieram depois *Coisa assim* (escrito para Mafalda Arnauth) e *Ainda que* (composto para Mísia sobre um poema de Drummond). Se eram fados, deixaram de sê-lo na voz de Amélia. O criador recriou a criatura. *Filme ainda sem género*, inédita mas já muito tocada na Internet a antecipar o concerto, mostrou ser uma canção sólida, envolvente e, porque não?, popular.

Segundos convidados: os Gaiteiros de Lisboa. Cantaram e tocaram, como só eles sabem, *O fim da picada*, que Amélia escreveu para eles e depois *Aqui há gato... quem me tramou?* (parceria com José Manuel David), já com Amélia a acompanhá-los nas vocalizações.

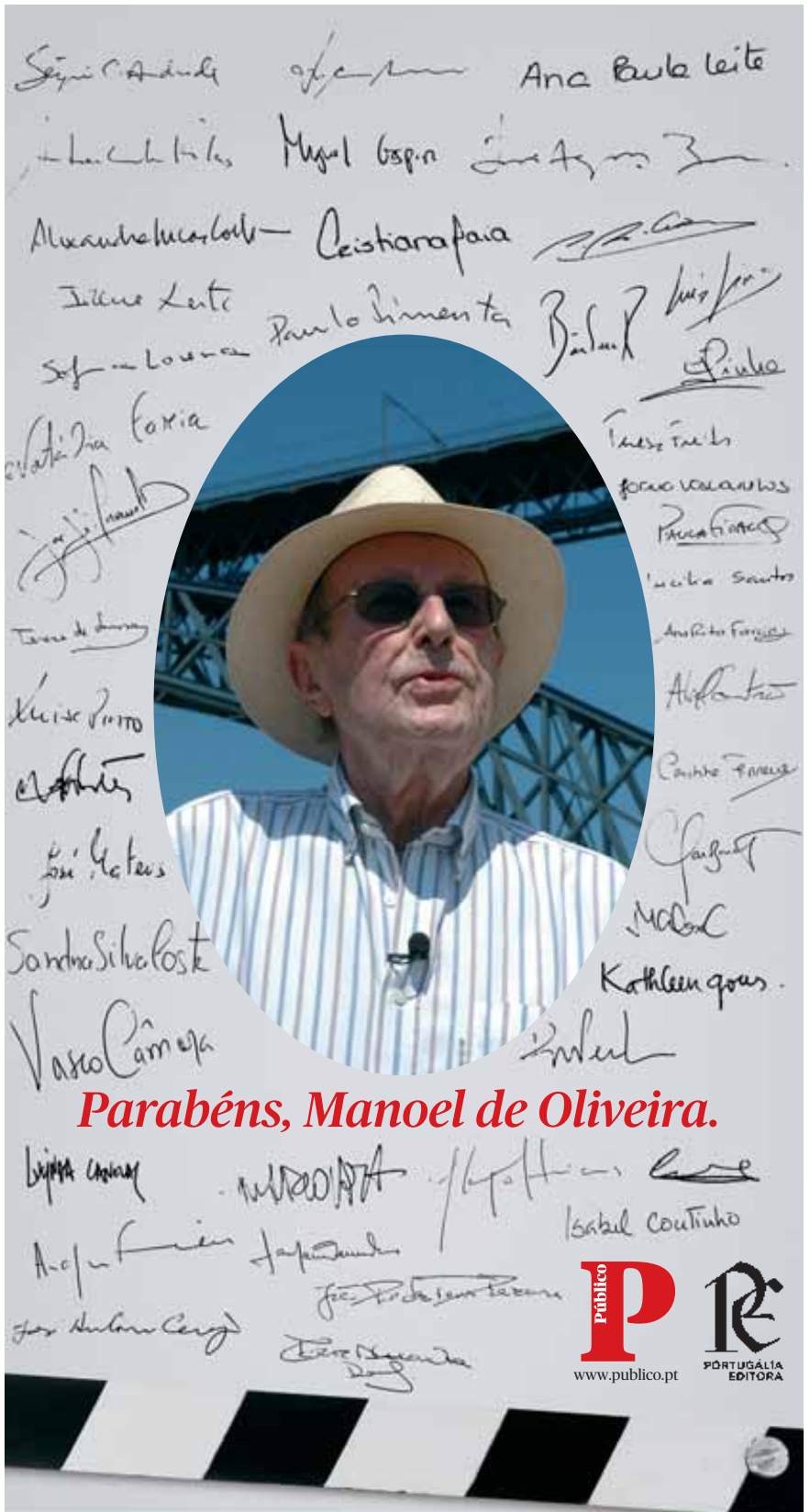
Eu levo unha pena, de Rosalia de Castro, que Amélia levou à Galiza em 2006 (cantou-a com os Narf, na Ponte nas Ondas) antecedeu *À nave*, mais festiva que solene, e *Hora de ir embora*, segunda inédita da noite, um achado em compasso ternário, misto de valsa, falando das voltas do mundo e “do petróleo que em nós arde”. Com todos os participantes em palco, cantou-se “*It's time to go*”. Até saírem de cena. No *encore*, vieram *Taco a taco*, pretexto para um jogo de vocalizos com os Gaiteiros e o *Nevoeiro* de Pessoa, menos denso mas igualmente sublime. O que lhe valeu longos aplausos da audiência, de pé.

A este concerto chama Amélia “um conjunto de canções que se dão muito bem juntas”. Mas ele é, mais do que isso, prova de que a veia criativa de Amélia Muge continua aberta aos melhores sons do mundo. Que assim continue.

Numo Pacheco



Amélia no CCB (no piano, Filipe Raposo)



Parabéns, Manoel de Oliveira.

P PÚBLICO
www.publico.pt
RE PORTUGÁLIA EDITORA

Um voto de parabéns do Público não nos pareceu suficiente para homenagear o 100º aniversário de Manoel de Oliveira.



livro com oferta de dvd inédito por mais €14,90

uma edição conjunta do Público e da Portugalia Editora

Disponível em banca e em livrarias.

Sexta-feira, dia 12.